

## 51 - Quando o mundo perdeu profundidade (2/3)

TITLE: #51 - Quando o mundo perdeu profundidade (2/3)

AUTHOR: Leonardo Comparsi de Oliveira

DATE: March 31, 2026

URL:

<https://www.linkedin.com/pulse/51-quando-o-mundo-perdeu-profundidade-23-comparsi-de-oliveira-bd7yf/>

---

Para compreender plenamente a crise de significado descrita por John Vervaeke é necessário olhar para um processo histórico mais amplo. O sentimento contemporâneo de desorientação existencial não surgiu de forma repentina. Ele é resultado de transformações culturais profundas que se estenderam ao longo de vários séculos. Essas transformações estão intimamente ligadas ao desenvolvimento da modernidade ocidental.

Durante grande parte da história humana, o universo era percebido como um lugar intrinsecamente significativo. Natureza, sociedade e experiência interior eram compreendidas como dimensões interligadas de uma realidade carregada de valor simbólico. As narrativas religiosas e filosóficas funcionavam como mapas existenciais, oferecendo não apenas explicações sobre o mundo, mas também orientação sobre como viver, sofrer, agir e morrer. Havia uma espécie de "espessura" da realidade: o mundo não era apenas aquilo que podia ser medido, mas também aquilo que podia ser interpretado, vivido e compartilhado em profundidade.

Isso não significa que essas sociedades fossem mais simples ou livres de conflitos. Pelo contrário, eram marcadas por tensões, desigualdades e limitações severas. Contudo, ofereciam um tipo particular de orientação existencial: a sensação de que o mundo possuía uma estrutura inteligível de significado, na qual a vida individual podia ser situada.

Essa situação começou a mudar profundamente com o surgimento da ciência moderna. O avanço do método científico trouxe uma capacidade extraordinária de explicar fenômenos naturais. O universo passou a ser descrito com precisão matemática crescente, revelando leis físicas que governam desde o movimento dos planetas até a estrutura da matéria. A realidade tornou-se, em muitos aspectos, mais compreensível — mas também mais silenciosa do ponto de vista simbólico.

Essa conquista intelectual representou um dos maiores triunfos da história humana. No entanto, ela também alterou radicalmente a forma como percebemos a realidade. O sociólogo Max Weber descreveu esse processo com a expressão "desencantamento do mundo". À medida que fenômenos naturais passaram a ser explicados por mecanismos físicos, o cosmos deixou de ser percebido como um espaço habitado por significados simbólicos e passou a ser interpretado como um sistema neutro de causas e efeitos.

Uma metáfora ajuda a tornar isso mais tangível: imagine duas formas de olhar para uma floresta. Na primeira, ela é percebida como um espaço vivo, carregado de mistério, presença e significado — um lugar onde algo "fala" ao observador. Na segunda, ela é descrita como um conjunto de organismos, fluxos energéticos e processos bioquímicos. Ambas as visões podem ser verdadeiras. Mas apenas a primeira

sustenta uma experiência imediata de sentido. A modernidade privilegiou, de forma crescente, a segunda forma de ver o mundo.

Essa mudança trouxe enorme poder tecnológico, mas também reduziu a sensação de participação em um universo carregado de sentido. O mundo tornou-se mais previsível e manipulável — e, ao mesmo tempo, mais distante do ponto de vista existencial.

Paralelamente, outra transformação filosófica estava ocorrendo. O filósofo Friedrich Nietzsche observou que as grandes narrativas religiosas que haviam estruturado a vida cultural europeia durante séculos estavam gradualmente perdendo sua autoridade. Sua famosa declaração de que "Deus está morto" não era um ataque à religião em si, mas um diagnóstico cultural: as bases tradicionais de significado estavam se dissolvendo.

O que Nietzsche anteviu foi um cenário no qual a humanidade precisaria aprender a viver sem um centro simbólico compartilhado. Isso abriu espaço para novas formas de liberdade, mas também introduziu um desafio profundo: como sustentar significado em um mundo onde nenhuma narrativa possui legitimidade universal?

Com o avanço da modernidade, pluralismo cultural, ciência e crítica filosófica tornaram cada vez mais difícil sustentar uma única narrativa capaz de organizar o significado coletivo. O resultado não foi necessariamente um mundo sem valores, mas um mundo com múltiplas perspectivas concorrentes, frequentemente incompatíveis entre si, nenhuma delas capaz de exercer hegemonia cultural duradoura.

Esse fenômeno produziu uma condição paradoxal. A humanidade conquistou níveis inéditos de liberdade intelectual e cultural, mas ao mesmo tempo perdeu muitas das estruturas que anteriormente organizavam a experiência de significado. Ganhamos autonomia, mas perdemos orientação.

Enquanto isso, as instituições modernas passaram por um processo acelerado de racionalização. Burocracias, empresas e governos foram organizados segundo princípios de eficiência, previsibilidade e controle. Essa racionalização permitiu coordenação social em escala sem precedentes. Redes globais de produção, sistemas financeiros complexos e organizações multinacionais tornaram-se possíveis graças a essas estruturas.

Entretanto, como o próprio Weber observou, esse modelo institucional também pode produzir um efeito inesperado: a criação de sistemas altamente eficientes que funcionam independentemente de qualquer narrativa existencial compartilhada. É o que ele chamou, de forma emblemática, de "gaiola de ferro" — estruturas que organizam a vida social com precisão, mas que oferecem pouco espaço para experiências de sentido.

Aqui emerge um ponto crucial para o mundo contemporâneo. Durante muito tempo, essa separação entre eficiência e significado não era necessariamente problemática, porque outras esferas da vida — comunidade, religião, tradição — continuavam a fornecer orientação existencial. No entanto, à medida que essas esferas se enfraquecem, as instituições modernas passam a ocupar um papel cada vez mais central na vida das pessoas.

E é nesse ponto que a história intelectual da modernidade encontra o mundo das organizações contemporâneas. Empresas modernas herdaram estruturas desenhadas para eficiência industrial, mas operam em um ambiente cultural onde indivíduos buscam significado, identidade e propósito. O trabalho

deixou de ser apenas uma atividade econômica e passou a ser um dos principais espaços de construção de sentido na vida adulta.

Esse descompasso cria um desafio crescente. As organizações são extremamente eficazes em coordenar tarefas e produzir resultados, mas frequentemente oferecem poucos recursos para sustentar a experiência humana de significado.

O resultado é uma tensão silenciosa, porém profunda. De um lado, sistemas cada vez mais sofisticados de gestão, métricas e performance. De outro, indivíduos que, mesmo inseridos nesses sistemas, experimentam uma crescente dificuldade de conectar suas ações a algo que faça sentido em um nível mais profundo.

A crise de significado emerge justamente nesse espaço. Ela não é um acidente, nem um desvio pontual. É uma consequência estrutural da forma como a modernidade reorganizou nossa relação com o mundo, com o conhecimento e com as instituições.

E compreender isso é fundamental. Porque, sem esse diagnóstico mais amplo, corremos o risco de tratar sintomas — desengajamento, burnout, cinismo organizacional — como se fossem problemas isolados, quando na verdade são expressões de uma transformação cultural muito mais profunda.

Talvez o verdadeiro desafio não seja apenas melhorar a gestão das organizações. Talvez seja repensar o próprio papel das instituições em um mundo que, ao ganhar clareza racional, perdeu parte de sua capacidade de oferecer sentido.

\*Continua na próxima semana...\*

## ## Referências bibliográficas

BERGER, Peter L. O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulus, 2014.

NIETZSCHE, Friedrich. A gaia ciência. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

NIETZSCHE, Friedrich. Assim falou Zaratustra. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

TAYLOR, Charles. As fontes do self: a construção da identidade moderna. São Paulo: Loyola, 2011.

WEBER, Max. A ética protestante e o espírito do capitalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WEBER, Max. Ciência e política: duas vocações. São Paulo: Cultrix, 2004.

VERVAEKE, John; FERRARO, Filippo; BRESLIN, Dermot. The crisis of meaning and the future of organizations. *Journal of Management Inquiry*, v. 30, n. 4, p. 389–402, 2021.

PINKER, Steven. O novo iluminismo: em defesa da razão, da ciência e do humanismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

---

NOTA: Partes deste ensaio foram desenvolvidas em diálogo com modelos de linguagem de inteligência artificial, utilizados como suporte à exploração de ideias, à formulação de argumentos e ao refinamento da

linguagem. Todo o conteúdo gerado por IA foi revisado, editado e integrado pelo autor, a fim de garantir precisão, coerência e alinhamento com o sentido pretendido. O enquadramento conceitual, a estrutura, os argumentos e todas as decisões editoriais finais são inteiramente obra do autor, com a IA atuando como ferramenta criativa e analítica — à semelhança de um assistente de pesquisa ou parceiro editorial. A responsabilidade integral pelo conteúdo é do autor.